

As zonas cardeais de São Paulo em nova configuração

José Donizete Cazzolato

Elaboração da proposta: 1992

Este texto: 2026

Desde que iniciei a carreira de pesquisador e editor cartográfico, em 1974, passei a lidar quase diariamente com mapas da cidade de São Paulo e entorno. Chamadas de *plantas*, por serem de uma escala em que se podia representar as ruas e seus nomes, eram murais gigantescos (2,50 m de largura por 2,20 m de altura) que destacavam, em cada modelo, determinados elementos da trama urbana: distritos e subdistritos, zoneamento de uso do solo, vias principais de trânsito, linhas e estações de metrô, praças, nomes de bairros, entre outros.

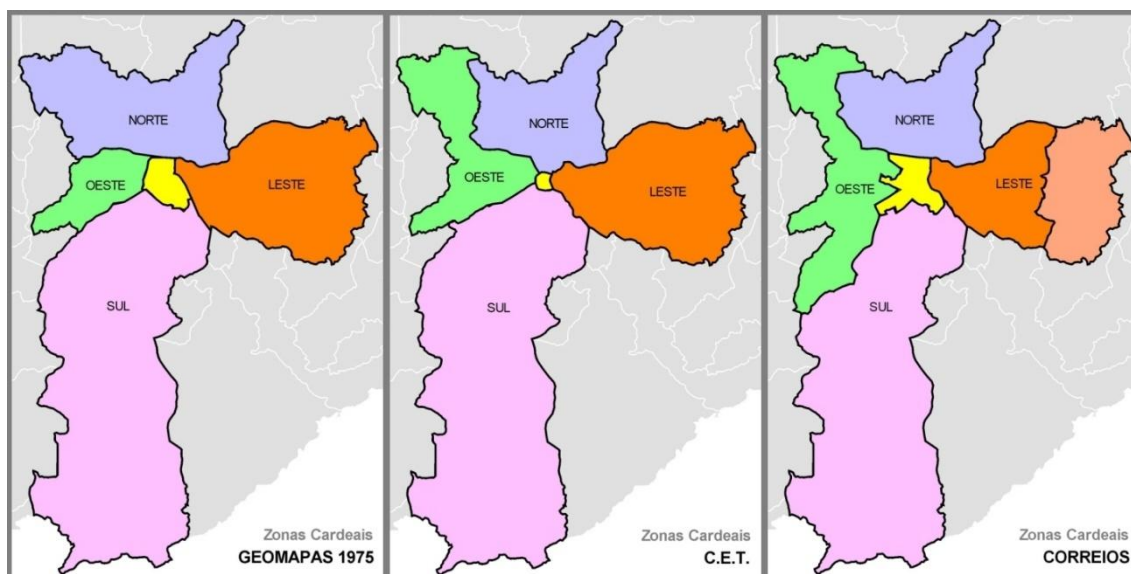
Em muitas delas eram representadas, com destaque, as grandes compartimentações territoriais, como os limites municipais e regionais. No caso do município de São Paulo, por ser o mais extenso de toda a Região Metropolitana, essas divisões regionais eram as *Zonas Cardeais* – as populares Zona Leste, Sul, Oeste, Norte e Central.

Muito utilizadas como referência de primeiro nível de orientação na cidade, embasavam a distribuição dos estabelecimentos comerciais e dos equipamentos públicos, organizavam os anúncios imobiliários, eram obrigatórias nas placas de sinalização viária e faziam parte da história de vida dos paulistanos. Não bastava dizer o bairro em que moravam; as pessoas complementavam a informação com o nome da zona.

Havia, porém, um problema, para o qual nem todos se atentavam, mas que, para editores de mapas, era crucial: ninguém sabia ao certo por onde passavam os limites das zonas cardeais paulistanas.

Não havia dúvida de que a Penha ficava na zona Leste, e que a Lapa na Oeste. Santana era na zona Norte e Santo Amaro na zona Sul. Mas... e Pirituba, era zona Oeste ou zona Norte? E Campo Limpo, zona Oeste ou zona Sul? Vila Mariana – Sul ou Central? Brás – Central ou Leste? Cada instituição pública, assim como as editoras de mapas, as redações de jornal ou televisão, utilizava sua divisão.

Nas edições Geomapas também havia sido adotada uma versão própria, a qual não *batia* com a do Correio (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – ECT) nem com a da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego, da Prefeitura de São Paulo) nem com a das delegacias de polícia ou das diversas secretarias da prefeitura ou do Estado, como se vê nos exemplos a seguir.



Os mapas acima, elaborados para minha dissertação de mestrado (2005), mostram três das diferentes divisões em zonas cardeais mais utilizadas em São Paulo nos anos 1970/80: Geomapas (a maior editora de mapas-murais), CET (Companhia de Engenharia de Tráfego – responsável pelo trânsito e pela sinalização viária do município) e Correios (que determinava os códigos de endereçamento postal – CEP, sendo 5 zonas postais no município de São Paulo: 01 na zona Central, 02 na Norte, 03 na Leste, 04 na Sul e 05 na zona Oeste).

- na versão Geomapas, a zona Norte se configurava a partir do rio Tietê, enquanto nas outras duas a porção que vai de Pirituba a Perus era atribuída à zona Oeste (em diferentes delimitações); a zona Norte da CET, por outro lado, avançava para a margem esquerda do Tietê, incluindo o Bom Retiro e o Pari.
- a zona Oeste, na versão Geomapas, era delimitada pelo rio Tietê e avenidas Pacaembu/Rebouças/Francisco Morato; na versão CET agregava a faixa Pirituba-Perus, e na versão Correios avançava até o atual Capão Redondo, delimitando-se pelo rio Pinheiros e pelo eixo da estrada de Itapeçerica.
- a zona Sul diferenciava-se no mapa dos Correios, onde a região do Campo Limpo e do Morumbi ficavam na zona Oeste.
- a zona Central tinha versões bem distintas, enquanto a zona Leste, ora delimitada pelo rio Tamanduateí, ora pela linha férrea (antiga Santos a Jundiá), tinha a versão mais exclusiva na divisão do Correio: sua porção mais ocidental não tinha o CEP iniciado com 03, e sim com 08, o qual avançava pela região de Mogi das Cruzes até Guararema

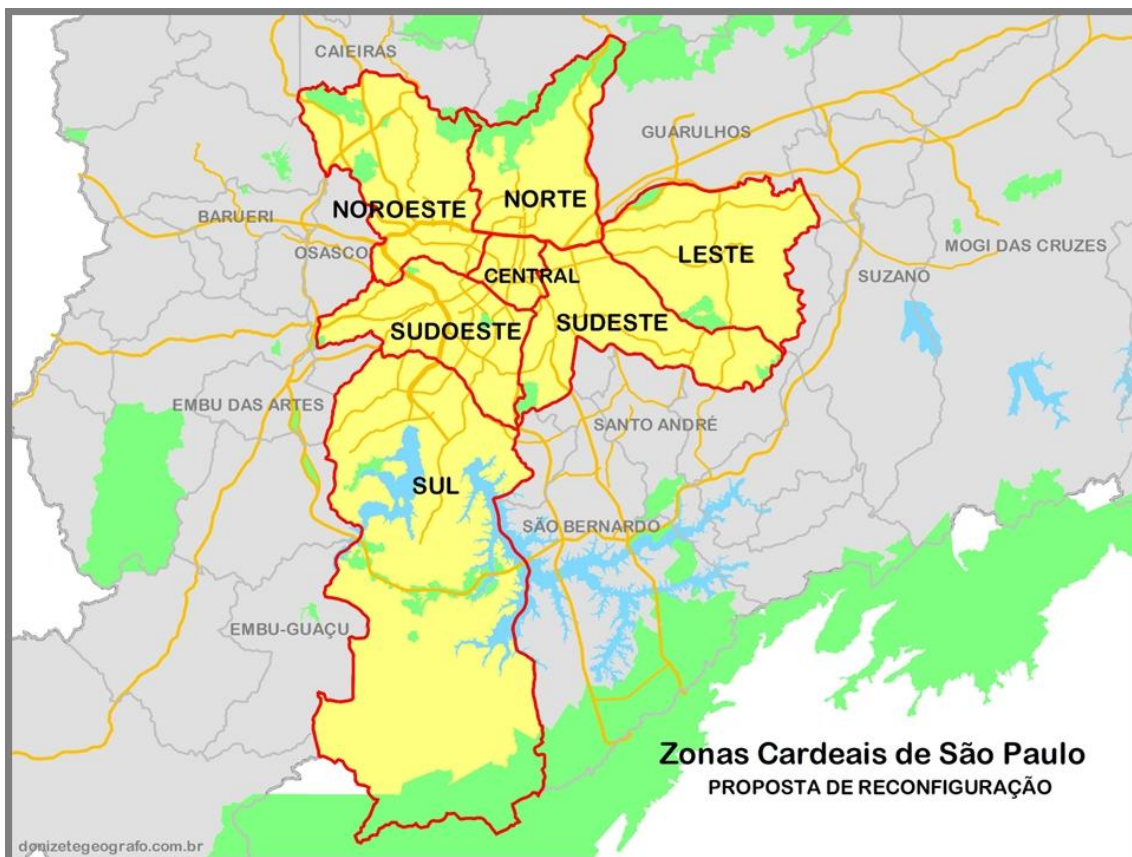
Editorialmente a questão se resolvia com a fixação de um modelo próprio de divisão, mas, como geógrafo, eu me sentia desconfortável: por que razões a municipalidade paulistana

não exercia seu poder de arbitramento, definindo de uma vez por todas os limites das zonas cardeais, tão utilizadas pela população?

Além do posicionamento dos limites, outro ponto me incomodava: as zonas Leste e Sul se destacavam ante as demais, tanto na extensão territorial como no montante demográfico. Além disso, em ambas operavam fluxos e identidades urbanas bem diferenciados. Percebi então que o simples posicionamento em relação aos pontos cardeais não seria suficiente para a caracterização das diferentes porções macro do município; haveria que se considerar também os grandes eixos de circulação e os polos e identidades mais consolidados, além de se levar em conta o conjunto da divisão.

Com a adoção dos *novos distritos*, em 1991, vi a oportunidade de elaborar uma versão alternativa das zonas cardeais paulistanas, inclusive porque a nova compartimentação do município permitia melhores arranjos limítrofes em relação à divisão anterior de distritos e subdistritos.

Esse novo modelo, prontamente utilizado nas edições Geomapas, tinha o diferencial de ampliar o número de zonas, que passaram, das 5 convencionais, para 7. A zona Oeste desapareceu, e sua porção setentrional passou a ser a nova zona Noroeste. A porção mais adensada que avança do Centro para Sul e para Leste passou a constituir as novas zonas Sudoeste e Sudeste. A zona Sul definiu-se a partir de Santo Amaro e a zona Leste a partir do rio Aricanduva.



O arranjo sugerido permitiu um foco mais apurado para as especificidades da ocupação urbana, seus grandes polos e fluxos de circulação geral. No conjunto, resultou em uma trama mais harmoniosa em termos de extensão territorial e totalização demográfica, como se pode ver na figura a seguir e no gráfico comparativo.

A divisão proposta proporcionou melhores análises dos dados socioeconômicos das grandes porções do município, inclusive por *conversar* com a nova divisão de distritos. Na comparação com a antiga divisão em cinco unidades, os dados de população são suficientes para revelar o equilíbrio conseguido.



Os painéis cartográficos Geomapas da Região Metropolitana de São Paulo eram largamente utilizados, tanto no meio empresarial como nos diversos órgãos públicos. Permitiam a visão de grandes áreas e a localização detalhada de vias, endereços e principais equipamentos, como linhas e estações de metrô, grandes hospitais e shopping centers, parques, rodovias e grandes vias de trânsito etc.

Além de um visual mais impactante em termos de representação cartográfica ou do plano cromático, as plantas Geomapas eram oferecidas em diferentes opções editoriais: mapa de circulação geral, de zoneamento de uso do solo, com dados demográficos, com a divisão dos distritos em cores contrastantes etc. Ainda não havia chegado o meio digital; os mapas impressos eram, portanto, ferramenta obrigatório para planejamento, pesquisa, coleta, distribuição, venda etc.

Dessa forma, a divisão das Zonas Cardeais em sete unidades foi significativamente divulgada no ambiente empresarial e de gestão pública ao longo dos anos 1990. Lembro que o instituto de pesquisa DataFolha, do jornal Folha de São Paulo, adotou a nova compartimentação, e as notícias da cidade passaram a ser noticiadas no jornal impresso com as novas referências cardeais Norte, Leste, Sudeste, Sul, Sudoeste, Noroeste e Central.

Lamentavelmente a municipalidade paulistana carrega um histórico de omissão a respeito da sua compartimentação territorial: nunca definiu os limites dos bairros assim como nunca se preocupou em adotar uma versão oficial das zonas cardeais. Um ponto de inflexão desse descaso em relação aos lugares e polos urbanos teria sido a *Nova Territorialização* do município, empreendida na gestão Luísa Erundina entre 1990 e 1991, a qual resultou no quadro atual de 96 distritos municipais.

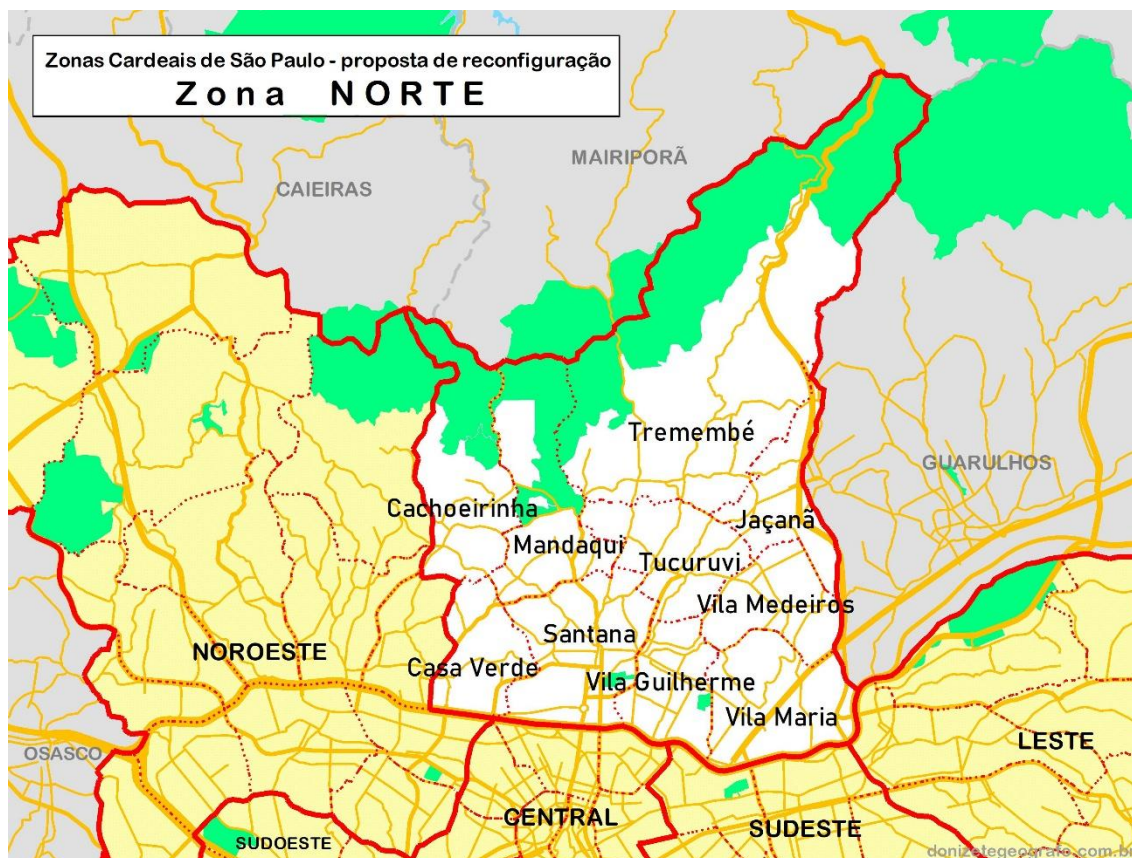
Foi um enorme passo na organização territorial paulistana, que passou a reconhecer e delimitar as centralidades e identidades supra-bairros que se haviam consolidado nas décadas anteriores, com grandes vantagens para a gestão e inquestionável ganho na percepção cidadã.

No entanto, em que pese o grande empenho da secretária Aldaíza Sposati, que conduziu o projeto no âmbito da Secretaria das Administrações Regionais, sua saída do governo interrompeu o plano, que previa também um ajuste ou adequação das demais escalas de compartimentação identitária intramunicipal, entre as quais as zonas cardeais.

Assim, o arranjo territorial em sete zonas cardeais, elaborado em 1991 e aqui sintetizado (em 2026), permanece como sugestão de aprimoramento da estrutura territorial do município. Objetivando eliminar os grandes conflitos existentes entre as diversas delimitações até então praticadas, assim como de amenizar a disparidade dimensional e demográfica existente entre as zonas, e adicionando às direções cardeais a perspectiva de regiões funcionais (considerando os fluxos viários e os polos urbanos), a divisão proposta tornou-se também um ferramental mais adequado de apreensão da realidade e análises comparativas.

Seguem imagens cartográficas de cada uma das zonas propostas, contendo a divisão distrital a elas atreladas e elaboradas em escala cartográfica que permite a visualização de maiores detalhes da trama urbana. Seguem também dados, características e comentários sobre os arranjos sugeridos.

Zona NORTE



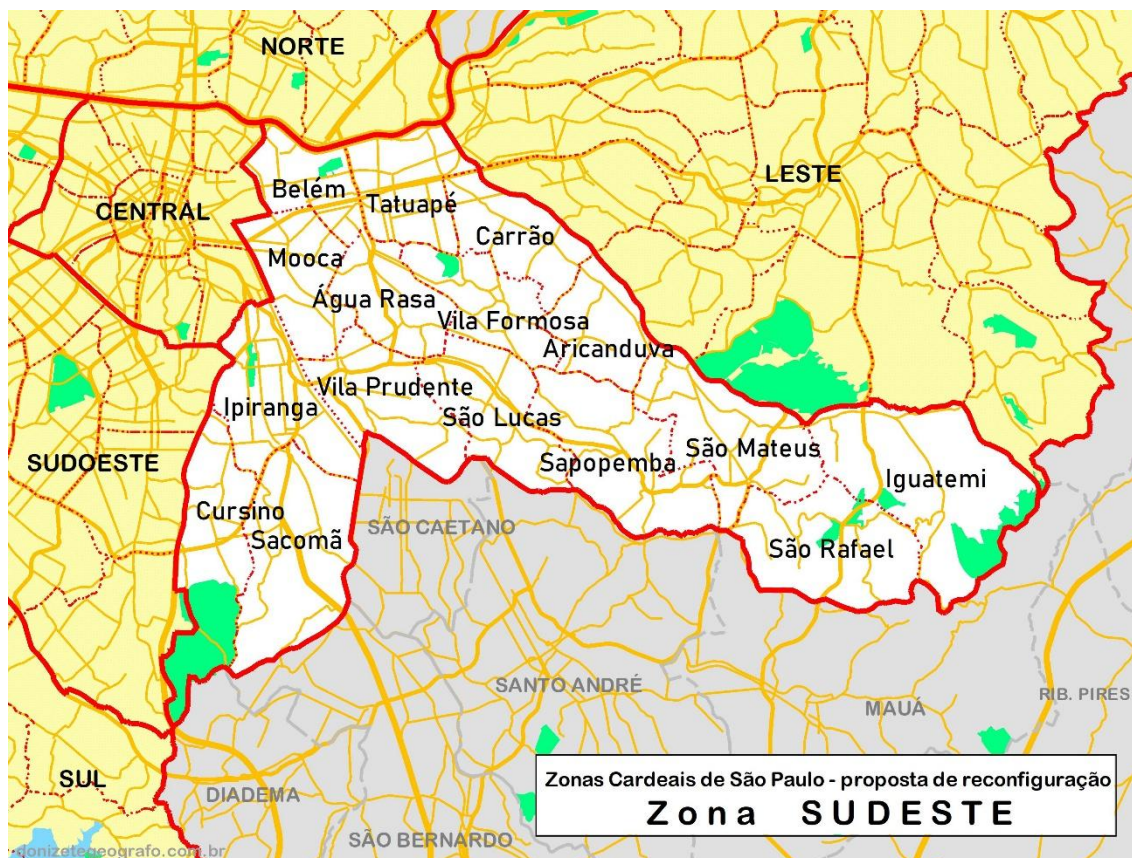
Formada por 10 distritos, a zona Norte delimita-se pelo rio Tietê, pela serra da Cantareira (limite municipal com Mairiporã) e pelo rio Cabuçu de Cima (limite municipal com Guarulhos). Os limites com a zona Noroeste excluem o distrito do Limão, o qual foi considerado, nesta divisão, mais associado à Freguesia do Ó, fazendo parte, portanto, da zona Noroeste.

O grande polo comercial e identitário da zona Norte é Santana, onde também a verticalização residencial é mais intensa, avançando pelo distrito do Mandaqui. As vias mais notórias são a Voluntários da Pátria, Cruzeiro do Sul, Brás Leme, Luís Dumont Villares, Nova Cantareira, Engenheiro Caetano Álvares e a estrada de Santa Inês, que sobe a serra da Cantareira. Os trechos iniciais da rodovia Dutra e da rodovia Fernão Dias também fazem parte do viário da zona Norte, assim como a antiga estrada do Juqueri, atual Coronel Sezefredo Fagundes, conectando o município de Mairiporã.

O parque estadual da Cantareira, grande reserva nativa, o aeroporto Campo de Marte, o terminal rodoviário Tietê, o centro de eventos Anhembi (com o sambódromo) e complexo de compras Center Norte podem ser considerados seus equipamentos urbanos mais notórios.

Com 148,9 km² de extensão, a zona Norte totaliza 1,103 milhões de habitantes.

Zona SUDESTE



A Sudeste é uma das novas zonas inseridas neste novo arranjo. Urbanisticamente, seria um espelhamento da zona Sudoeste, sendo formada pela porção mais densa da antiga zona Leste e pela região do Ipiranga. Uma de suas principais características é a forte ligação com a região do ABC, à qual se conecta pelas rodovias Anchieta e Imigrantes, avenidas Cursino e do Estado e pelo prolongamento da avenida Jacu-Pêssego. Delimita-se também com as zonas Sudoeste, Central, Norte e Leste (pelo rio Aricanduva).

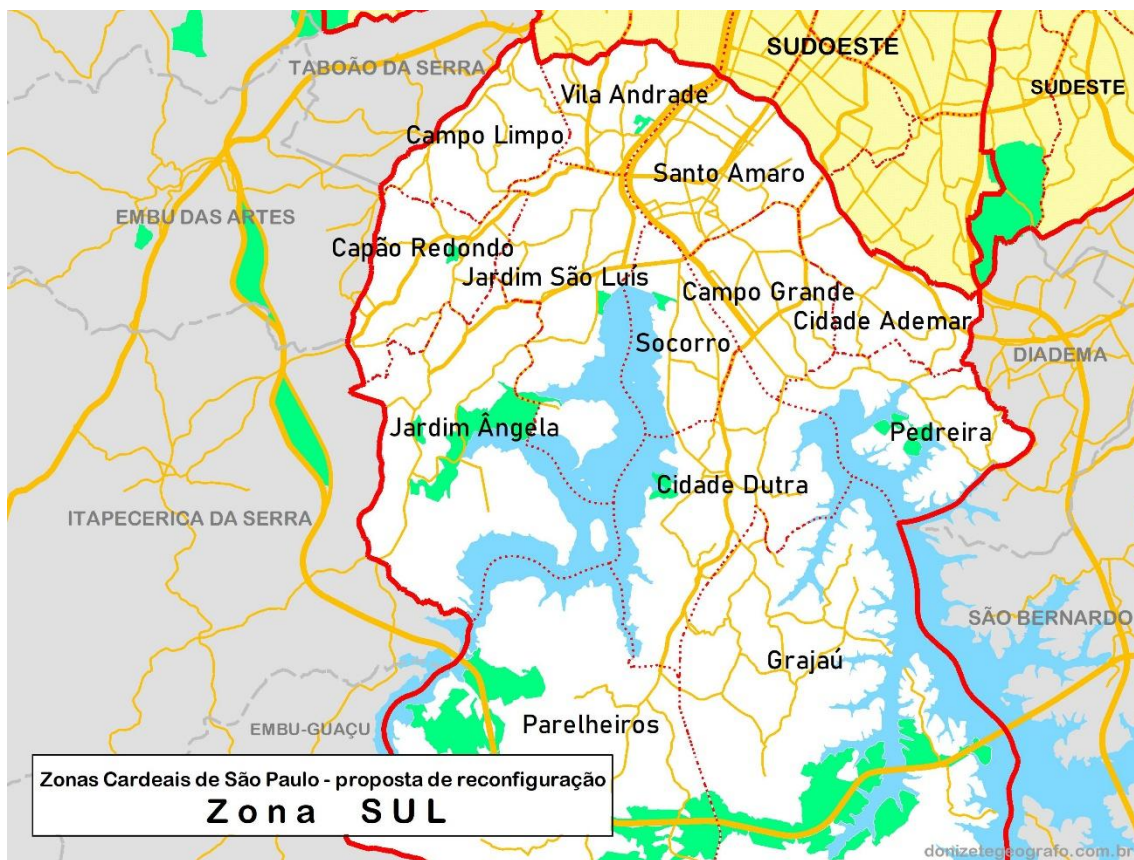
Com 16 distritos, seus polos urbanos mais tradicionais são a Mooca, o Tatuapé e o Ipiranga. Na porção de ocupação mais recente, ressalta São Mateus. Além dos eixos viários citados, têm grande importância na zona Sudeste a Radial Leste, as avenidas Paes de Barros, Tancredo Neves/Salim Farah Maluf, Anhaia Melo/Sapopemba e Ragueb Chohfi.

São notórios, no contexto da zona Sudeste, o museu do Ipiranga, o parque do Estado e o bolsão residencial Anália Franco/Tatuapé, que se prolonga por antigas áreas de uso industrial, principalmente na Mooca e no Ipiranga. Entre os centros de compras, destacam-se o shopping Metrô Tatuapé, o Anália Franco, Mooca Plaza e Central Plaza.

Observe-se que os distritos do Brás e Pari concentram forte atividade atacadista de âmbito nacional. Por esta razão foram inseridos na zona Central.

Em extensão total de 168,1 km², vivem na zona Sudeste 2,032 milhões de pessoas.

Zona SUL



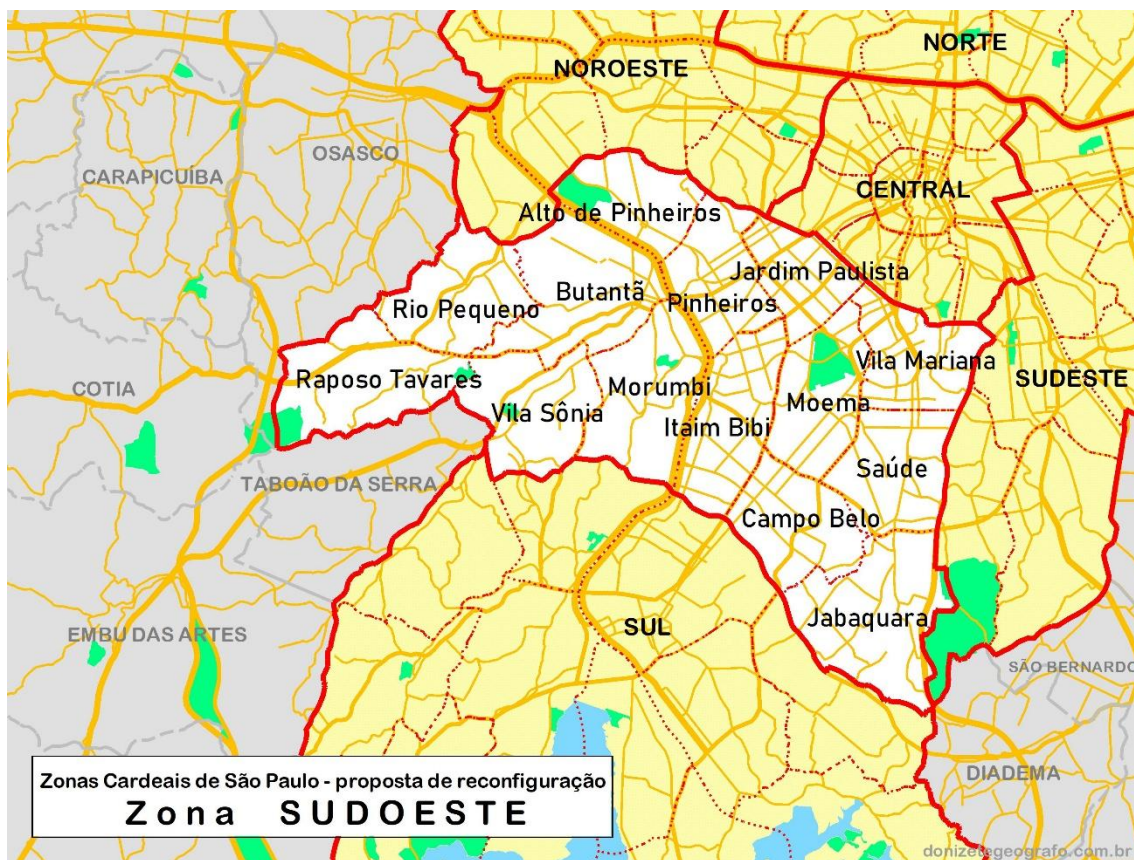
A maior das zonas paulistanas estende-se da avenida Roque Petroni Junior/Cupecê até o extremo Sul do município (distritos de Parelheiros e Marsilac), nas escarpas da serra do Mar (limites com Itanhaém e São Vicente). Compreende significativa zona rural e grandes reservas ambientais, como o parque estadual da Serra do Mar e outras áreas ao longo do rodovial Mário Covas, o qual cruza toda a zona sem, no entanto, conectar-se ao sistema viário urbano.

Formada por 14 distritos, a zona Sul tem em Santo Amaro seu centro identitário e comercial mais forte, onde também se implantaram residenciais de alto padrão. A verticalização residencial, porém, avançou por Campo Grande e Vila Andrade, onde o padrão se iguala às cifras praticadas no vizinho Morumbi. A marginal Pinheiros, a avenida Interlagos/Teotônio Vilela, a avenida M'Boi Mirim e a estrada de Itapequerica podem ser consideradas seus eixos viários principais.

Dois grandes reservatórios hídricos marcam a paisagem da zona Sul – Guarapiranga e Billings. Outros equipamentos de destaque são o autódromo de Interlagos, o templo Solo Sagrado (junto à represa de Guarapiranga) e os shopping centers Morumbi e Interlagos.

Com extensão de 653,6 km², a Zona Sul também é a maior entre as demais zonas em termos de população: 2,631 milhões.

Zona SUDOESTE



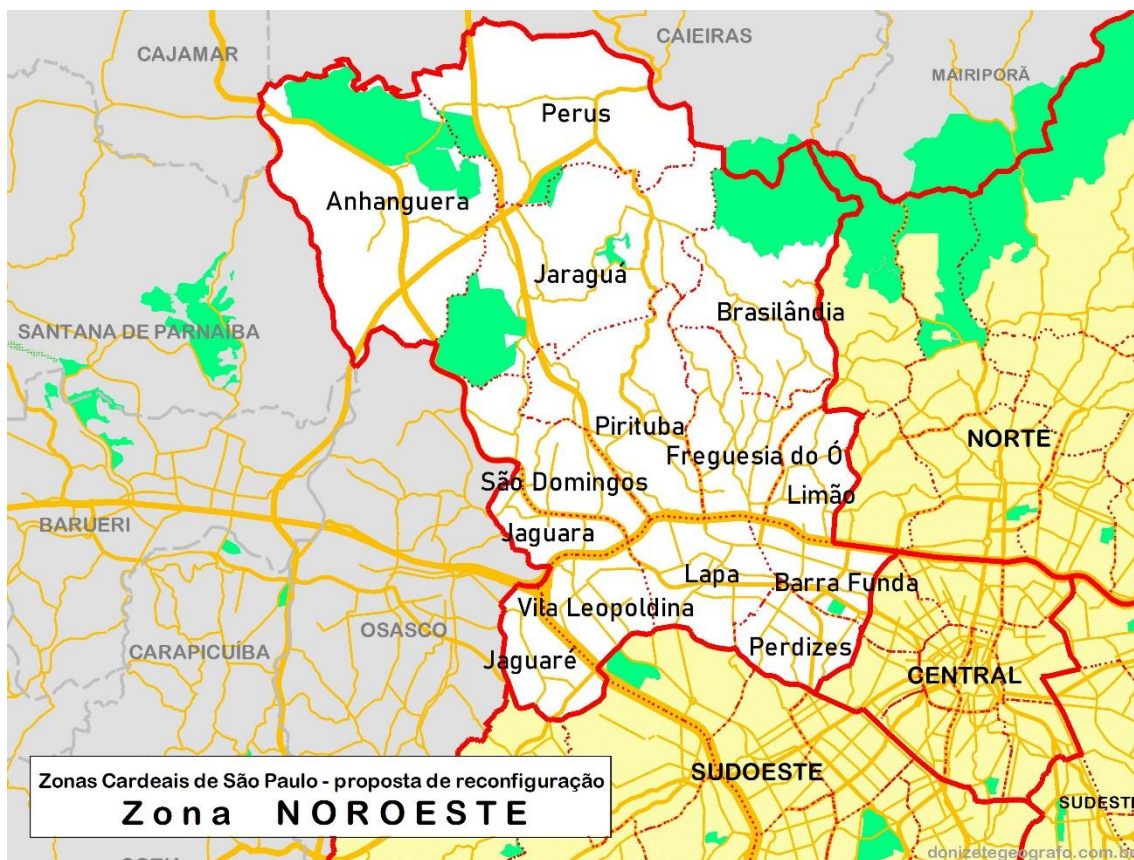
Assim como a zona Sudeste, a Sudoeste compreende muitos núcleos comerciais numa densa trama urbana. Porém, é mais equipada e apresenta maior número de residenciais de alto padrão. Iniciando na avenida Paulista, avança até Santo Amaro, no sentido Sul, e avenida Abraão de Moraes (rio Ipiranga) no sentido Leste. Totaliza 14 distritos.

Seus núcleos comerciais e identitários mais fortes são Vila Mariana/Saúde, Pinheiros, Moema e Butantã, e seu viário principal compreende a marginal Pinheiros, o eixo 23 de Maio/Rubem Berta, as avenidas Rebouças, Faria Lima, Santo Amaro, Nove de Julho, Brasil, Ibirapuera, Bandeirantes, Domingos de Moraes, Francisco Morato e a rodovia Raposo Tavares.

Ficam na zona Sudoeste notórios equipamentos paulistanos, como o aeroporto de Congonhas, o parque Ibirapuera e o hospital das Clínicas. Também se destacam o parque Villa Lobos, o campus da Universidade de São Paulo e o bairro Morumbi (onde estão o palácio dos Bandeirantes, o hospital Albert Einstein e o estádio do São Paulo FC). Destacam-se também o grande número de restaurantes e shopping centers, além da maior concentração de hotéis de primeira linha da cidade de São Paulo.

Com área de 138,5 km², a zona Sudoeste totaliza 1,378 milhões de habitantes.

Zona NOROESTE



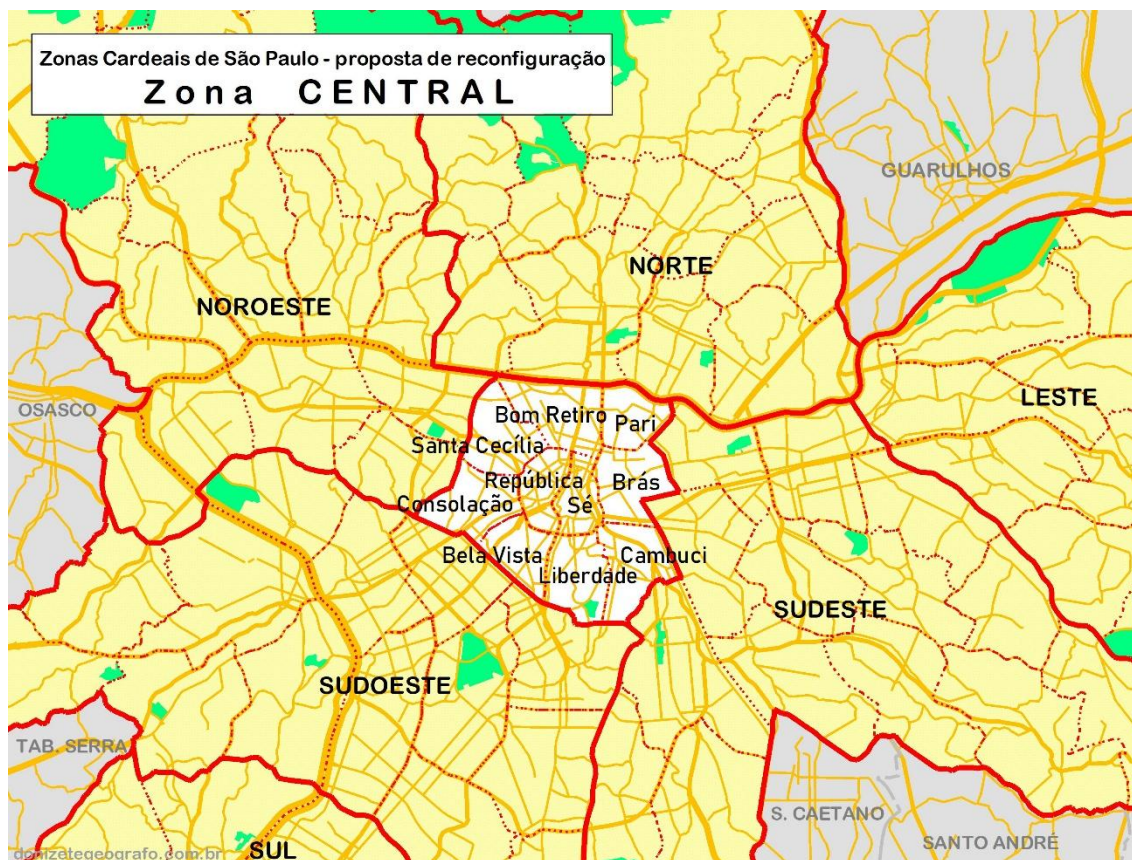
Substituindo a antiga zona Oeste, a zona Noroeste compreende, basicamente, a abrangência do polo identitário e comercial da Lapa, que se estende ao longo dos antigos eixos ferroviários (atuais linhas Rubi e Diamante CPTM). Delimita-se com as zonas Norte, Central (pela avenida Pacaembu) e Sudoeste, e com os municípios de Osasco, Santana de Parnaíba, Cajamar e Caieiras.

Com 14 distritos, a zona Noroeste marca o início das marginais Tietê e Pinheiros, que se prolongam na rodovia Castelo Branco. Ali também se Iniciam as rodovias Anhanguera e Bandeirantes, conectadas pelo rodoanel Mário Covas, e a antiga estrada de Campinas, atual Raimundo Pereira de Magalhães. Na porção mais densa estão as avenidas Sumaré, Francisco Matarazzo, Marquês de São Vicente e Gastão Vidigal.

Seu marco mais notório é o pico do Jaraguá, com respectivo parque, e, entre os equipamentos urbanos, destacam-se o terminal rodoferroviário da Barra Funda, o Memorial da América Latina, o estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras e a central de distribuição de alimentos CEASA. Destacam-se também os recentes implementos residenciais de alto padrão ocupando antigas porções industriais da Lapa e Vila Leopoldina, reforçando a densidade demográfica da região que se iniciou em Perdizes.

Em extensão de 192,2 km², a zona Noroeste soma 1,445 milhões de habitantes.

Zona CENTRAL



A menor das zonas cardeais de São Paulo compreende o núcleo original da cidade, chamado *Centro Velho* (correspondente aos distritos Sé e República) e seu entorno. Delimita-se pelo rio Tietê com a zona Norte, pela rua Bresser e linha Turquesa da CPTM com a zona Sudeste, pela rua do Paraíso e avenida Paulista com a zona Sudoeste e pela avenida Pacaembu com a zona Noroeste.

É formada por 10 distritos – Sé, República, Bom Retiro, Pari, Brás, Cambuci, Liberdade, Bela Vista, Consolação e Santa Cecília – onde estão as mais antigas referências urbanas e arquitetônicas paulistanas, entre outras mais recentes. A lista é grande: catedral da Sé, convento e igreja de São Bento, museu de Arte Sacra, viadutos do Chá e Santa Efigênia, palácio Matarazzo (sede do executivo municipal), Teatro Municipal, Sala São Paulo, Museu de Arte de São Paulo (MASP), Pinacoteca, estação da Luz e museu da Língua Portuguesa, estádio do Pacaembu e museu do Futebol, museu Catavento, Mercado, edifícios Itália, Copan, Martinelli e Banco do Estado (Farol Santander)...

Instituições de ensino tradicionais (Direito do largo São Francisco, universidade Mackenzie), grandes hospitais (Beneficência Portuguesa, Sírío-Libanês, Santa Casa), áreas de comércio especializado (região atacadista do Brás/Pari, rua das Noivas, rua Santa Efigênia - eletro-eletrônicos, avenida Liberdade - bairro oriental), padarias, restaurantes e pizzarias de todos os estilos... sem falar nas vias e lugares especiais, como

as avenidas Ipiranga e São João, praça da República, Minhocão, avenidas São Luís, Tiradentes, Rio Branco, Nove de Julho, 23 de Maio, ruas Direita, Boa Vista e 25 de Março e praça da Sé, sob a qual fica a maior estação de metrô da cidade... A lista dos marcos urbanos que se tornaram atração na zona Central de São Paulo ainda se estende.

Além da Prefeitura, a Câmara Municipal de São Paulo também está na zona Central. E anuncia-se a construção de um novo espaço abrigando o executivo estadual no bairro Campos Elísios (distrito de Santa Cecília). Certamente esse projeto impulsionará ainda mais a recondução do espaço central paulistano ao status de importância e de qualidade urbanística de outrora. A densidade local - comercial, institucional, residencial, turística e de equipamentos de transporte (especialmente metrô) – justifica ações nessa linha.

A extensão territorial da zona Central é de 33,0 km². E sua população também é a menor entre as demais zonas paulistanas: 480 mil habitantes.